

IZABEL FRANÇA DE LIMA
MARIA APARECIDA MOURA
ORGANIZADORAS

**INFORMAÇÃO
ESTUDOS
ÉTNICO-RACIAIS
GÊNERO
DIVERSIDADES**

NYOTA

Izabel França de Lima
Maria Aparecida Moura
Organização



**INFORMAÇÃO,
ESTUDOS ÉTNICO-
RACIAIS, GÊNERO E
DIVERSIDADES**

Florianópolis, SC
Rocha Gráfica e Editora Ltda.
2023

Selo Nyota
Franciéle Carneiro Garcês da Silva
Nathália Lima Romeiro
Coordenação

Comitê Editorial e Científico

Natalia Duque Cardona (UdeA)	Wellington Marçal de Carvalho (UFMG)
Rubens Alves da Silva (UFMG)	Márcio Ferreira da Silva (UFMA)
Daniella Camara Pizarro (UDESC)	Fábio Francisco Feltrin de Souza (UFFS)
Claudia Mortari (UDESC)	Gerson Galo Ledezma Meneses (UNILA)
Carina Santiago dos Santos (UDESC)	Luisa Tombini Wittmann (UDESC)
Lourenço Cardoso (UNILAB)	Samanta Coan (Muquifu)
Barbara Barcellos (UFS)	Mariana Cortez (UNILA)
Gustavo Silva Saldanha (IBICT/UF RJ)	Priscila Sena (UFRGS)
Edilson Targino de Melo Filho (UFPB)	Lia Vainer Schucman (UFSC)

Comitê de Avaliadores Ad Hoc

Alegria Celia Benchimol (UFPA)	Jobson Francisco da Silva Júnior (UEPB)
Ana Cristina de Albuquerque (UEL)	Leilah Santiago Bufrem (UFPE)
André Vieira de Freitas Araújo (UFPR)	Luciane Paula Vital (UFSC)
Bernardina Maria J. Freire de Oliveira (UFPB)	Marcio Ferreira da Silva (UFMA)
Denise Braga Sampaio (UFBA)	Maria Cristina Palhares (UNIFAI)
Denyson Axel Ribeiro Mota (UFCA)	Natália Bolfarini Tognoli (UFF)
Edilson Targino de Melo Filho (UFPB)	Priscila de A. Barreto Côrbo (Colégio D. Pedro II)
Edvaldo Carvalho Alves (UFPB)	Priscila Sena (UFRGS)
Erinaldo Dias Valério (UFPE)	Renata Lira Furtado (UFPA)
Gláucia Aparecida Vaz (UFRGS)	Sale Mario Gaudencio (UFERSA)
Henriette Ferreira Gomes (UFBA)	Thiago Henrique Bragato Barros (UFRGS)
Janayne Carvalho do Amaral (UFRJ)	Vinícios Souza de Menezes (UFS)
	Wellington Marçal De Carvalho (UFMG)

Diagramação: Nathália Lima Romeiro; Franciéle Carneiro Garcês da Silva

Arte da Capa: Franciéle Carneiro Garcês da Silva

Ficha Catalográfica: Priscila Fevrier - CRB 7-6678

Revisão textual: Pedro Giovâni da Silva e autorias

Informação, estudos étnico-raciais, gênero e diversidades / Izabel França de Lima; Maria Aparecida Moura. (Org.) - Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora; Selo Nyota, 2023.
546 p.

Inclui Bibliografia.

Disponível em: <https://www.nyota.com.br/>.

ISBN livro físico: 978-85-60527-49-6

ISBN livro digital: 978-85-60527-50-2

1. Ciência da Informação. 2. Informação. 3. Informação étnico-racial. Gênero. 4. Decolonialidade. I. Lima, Izabel França de. II Moura, Maria Aparecida. III. Título.

ESSA OBRA É LICENCIADA POR UMA
LICENÇA *CREATIVE COMMONS*



Atribuição – Compartilhamento pela mesma licença 3.0 Brasil¹

É permitido:

Copiar, distribuir, exibir e executar a obra
Criar obras derivadas

Condições:



ATRIBUIÇÃO

Você deve dar o crédito apropriado ao(s) autor(es) ou à(s) autora(s) de cada capítulo e às organizadoras da obra.



COMPARTILHAMENTO POR MESMA LICENÇA

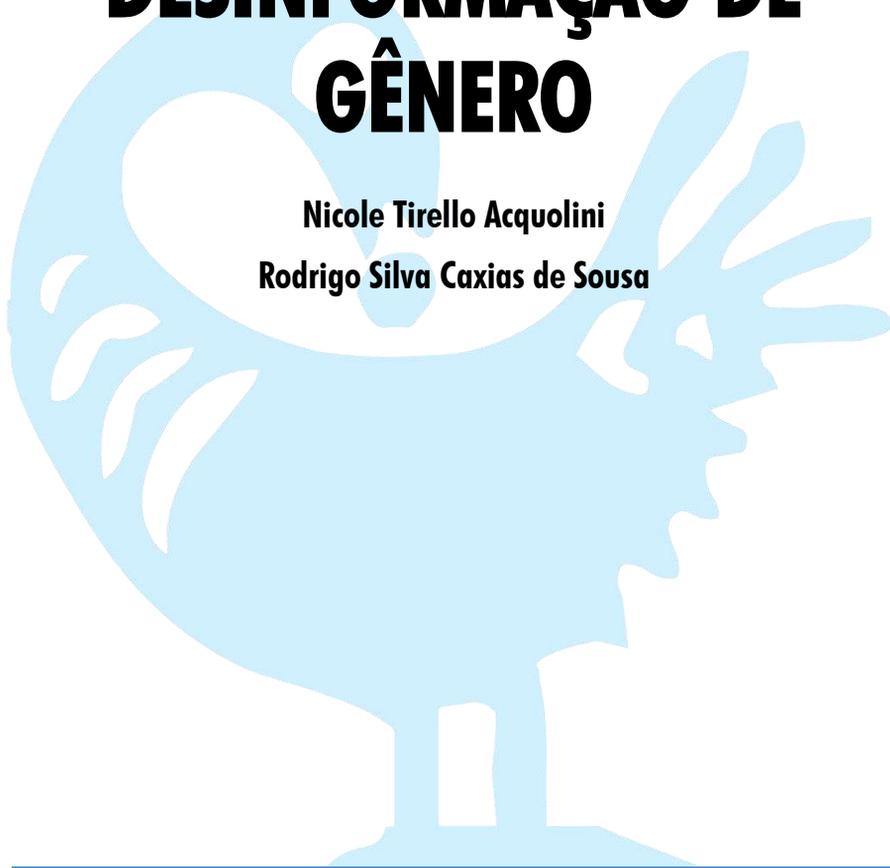
Se você remixar, transformar ou criar a partir desta obra, tem de distribuir as suas contribuições sob a mesma licença² que este original.

¹ Licença disponível em: <https://goo.gl/rqWWG3>. Acesso em: 01 jun. 2019.

² Licença disponível em: <https://goo.gl/Kdfiy6>. Acesso em: 01 jun. 2019.

PRÁTICAS INFORMACIONAIS NO INSTAGRAM: INVESTIGANDO DESINFORMAÇÃO DE GÊNERO

**Nicole Tirello Acquilini
Rodrigo Silva Caxias de Sousa**



1 ASPECTOS INICIAIS⁷⁴

Estudo se constitui na parte exploratória de uma dissertação de mestrado defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Por intermédio de uma pesquisa bibliográfica, o texto aborda conceitos sobre desinformação e suas variações, desinformação de gênero e por fim práticas informacionais na *web*.

Designadamente no Instagram, por meio de conteúdos informativos sobre feminismo e empoderamento feminino, as práticas informacionais podem desvelar desinformações de gênero, que quando exercidas perante o gênero feminino⁷⁵, são caracterizadas também como violências contra as mulheres. Pensando o conceito de mulher "cujo sentido não é encontrado através da elucidação de uma característica específica, mas através da elaboração de uma complexa rede de características." (NICHOLSON, 2000, P.35). Englobando diversas identidades e formas de expressão com as quais as pessoas do gênero feminino podem se identificar, sem restrições quanto à sua orientação sexual, tais como: cisgênero, transgênero, gênero fluído ou ainda conforme Butler (2000) performatividades de gênero.

Assim, metodologicamente, diante da observação espontânea e da análise de conteúdo (AC) relativa a práticas informacionais identificadas em postagens de 04 (quatro) perfis no Instagram, emergiu-se 09 (nove) tópicos que de maneira latente dialogam com o mote da desinformação de gênero.

Por sua vez, a desinformação de gênero consiste em um conjunto de ações de informação estruturadas de forma ilegítima e

⁷⁴ Capítulo desenvolvido a partir de texto submetido, avaliado e aprovado no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB, 2022).

⁷⁵ A palavra "feminino" será adotada aqui como categoria de análise relacionada a mulheres com o propósito de diferenciação de outros (plurais) gêneros, descartando a possibilidade de reforçar estereótipos tradicionais de fragilidade, passividade, delicadeza, ou algum outro feminino relacionado a aspectos "sagrados" e religiosos frequentemente presentes nas representações convencionais. Pelo contrário, pretende-se empregar o termo "feminino" de maneira a contribuir para avançar nas discussões sobre seu uso, confrontando o apagamento velado do termo promovido pela cultura patriarcal hegemônica, que muitas vezes o envolve com preconceitos e estigmas.



deturpada que incidem sobre determinados grupos sociais, com a intenção de acometer e prejudicar pessoas com base em seu gênero, buscando alcançar objetivos políticos, ideológicos, sociais ou econômicos. Além da temática ter se mostrado contemporânea no campo da Ciência da Informação, também se concretiza como uma pauta central no debate público em âmbito nacional, considerando que o país ocupa o 92º lugar no ranking da igualdade de gênero de acordo com o Fórum Econômico Mundial (CARVALHO, 2019). Dessa forma, intencionamos neste capítulo apresentar relações conceituais com o termo desinformação de gênero.

2 DESINFORMAÇÃO: DAS VARIAÇÕES TERMINOLÓGICAS AO QUALIFICADOR GÊNERO

A desinformação se afigura como uma alarmante ocorrência mundial, que dentre suas variadas ações, gera impactos (negativos) diretos ou indiretos em diferentes esferas e atores. Um número expressivo de estudiosos resgatam a possibilidade de que a desinformação se constitua no mal do século (MARRES, 2018; ANDERSEN; SØE, 2019; ANDERSON, 2020; CABAÑES, 2020), capaz de danificar as formas de aquisição de conhecimento humano (LEVY, 2017) em virtude de distorcer e manipular a verdade, dificultando a obtenção de informações precisas e confiáveis, levando a crenças errôneas e tomadas de decisão equivocadas.

Suas consequências podem alcançar inclusive as competências cognitivas dos indivíduos (BROWN, 2019; MCKAY; TENOVE, 2020) e produzir vícios intelectuais (MEYER, 2019) que influenciam também em temas morais e éticos que são amplamente debatidos e transcorrem por nossa sociedade.

Com o propósito de dispor uma adequada compreensão do assunto, se faz necessário trazer variações conceituais em relação ao termo desinformação. Para caracterizar o ato de desinformar, um conceito bastante completo diz que:

Desinformação envolve informação descontextualizada, fragmentada, manipulada, retirada de sua historicidade, tendenciosa, que apaga a realidade, distorce, subtrai, rotula ou confunde. A desinformação não é necessariamente falsa;



muitas vezes, trata-se de distorções ou partes da verdade. (BRISOLA; BEZERRA, 2018, p. 3319).

Na língua inglesa são empregados dois termos que correspondem à noção de desinformação, sendo eles: *misinformation* e *disinformation*. Ambos significam informações falsas, entretanto, *misinformation* pode ser entendida como falsidade contingente e *disinformation* pode ser assimilada a falsidade intencional (STAHL, 2006), quando a informação é falseada propositalmente. Por sua vez, Karlova e Fisher (2013) compreendem *misinformation* como informação imprecisa e *disinformation* como informação enganosa, sendo as duas apontadas como subcategorias de informação, podendo conter algum tipo de informatividade⁷⁶ (em diferentes graus), mesmo que de maneira involuntária.

Merece destaque um tipo específico de desinformação, a desinformação sobre o qualificador gênero, onde se faz indispensável considerar a problematização do gênero como uma forma primária de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1999), e a estrutura moral no qual se situam certas normatividades que conduzem o gênero e a sexualidade. Atraiam-se a isso convenções socioculturais que determinam normas e princípios morais constantemente disputados e reiterados, interferindo na constituição das identidades e expressões de indivíduos sexualizados e generificados. (BUTLER, 1990; LELO; CAMINHAS, 2021).

Por essa razão, considerando o pressuposto de que a partir das desinformações ecoam valores morais, é ponderoso entender que as normas em torno de gênero também podem abarcar e figurar em histórias falsas acerca dessas temáticas. Quanto à desinformação sobre o gênero feminino, percebem-se essas sensibilidades morais acionadas por meio de histórias infundadas que foram enraizando-se em nossa estrutura social, especificamente quanto a questões com estereótipos de gênero e subestimação feminina, que atualmente, com a explosão informacional na web e a vigente onda conservadora mundial, vem sendo disseminadas em grande escala, comprometendo de certa

⁷⁶ O conceito de informatividade aponta ao fato de que a percepção de um texto depende do conhecimento de outros textos. (LARA, 2008).



forma a luta feminista e de equidade de gênero. No entanto, paradoxalmente, isso também pode potencializar os esforços desse movimento.

Especificamente em relação a esse tipo de desinformação, é preciso destacar que abrange não só as atividades desinformativas direcionadas ao gênero feminino, mas também afeta outros gêneros, atacando majoritariamente minorias sociais, ou seja, grupos que enfrentam desvantagens sociais.

Consequentemente, consonante a disputas de poder mencionadas, a desinformação de gênero pode ser definida conforme o Relatório Engendered Hate:

Como tal, usamos "desinformação de gênero" como um termo guarda-chuva e apresentamos a seguinte definição: desinformação de gênero refere-se a atividades de informação (criação, compartilhamento, disseminação de conteúdo) que: Ataca ou prejudica as pessoas com base em seu gênero; Armam narrativas fraudulentas fundadas geralmente em estereótipos de gênero para promover objetivos políticos, sociais ou econômicos. (JUDSON *et al.*, 2020, p.12, tradução nossa).

Na esfera virtual, a desinformação de gênero, se constitui na intersecção da desinformação com a violência *online* (que se manifesta através de espaços na *web*), revelando abusos e assédios; buscando impactar geralmente no nível político/público, embora também possa causar sérios danos em nível pessoal/privado. Basicamente ela consiste na conjunção de informações que carregam boatos e estereótipos com narrativas falsas, enganosas ou odiosas, muitas vezes em linguagem abusiva, apelando a juízos de valores que buscam depreciar a imagem de mulheres ou pessoas em relação a seu gênero ou a sua identidade de gênero. (CURZI, 2021). Ainda segundo os autores:

Desinformação de gênero é a disseminação de informações enganosas ou imprecisas contra mulheres líderes na política, jornalistas e figuras públicas femininas, seguindo linhas de história que se baseiam na misoginia, bem como estereótipos de gênero em torno do papel da mulher para minar suas



percepções de sua participação em vida pública. (CURZI, 2021, p. 147, tradução nossa).

Isto posto, entende-se que a desinformação sobre o gênero feminino se configura também como uma grave forma de violência contra a mulher fundamentada na produção, disseminação, compartilhamento e reuso de conteúdos informacionais deturpados e manipulados com o propósito de prejudicá-las. Em síntese, a violência contra a mulher se transpõe como um lado perverso das relações de poder tomadas pela própria definição do conceito de gênero.

Segundo a Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres (BRASIL, 2011), este tipo de violência é uma manifestação que atinge todos os âmbitos de atuação das mulheres, e conforme Campos e Almeida (2017):

Carrega a marca distintiva da categoria social de gênero e assume formas diferenciadas, constituindo-se como toda ação ou conduta que cause não apenas o sofrimento ou dano físico à mulher, mas também psicológico, moral, patrimonial, sexual e inclusive danos causados por crime doloso, atos que se constituem como violações de direitos. (CAMPOS; ALMEIDA, 2017, p. 353).

Essas violações se fazem vigentes no cotidiano de distintas mulheres, independente de raça, orientação sexual, origem, idade, classe social, escolaridade e estado civil. Tendo em vista que a violência toma outras feições, alguns componentes começam a surgir como esforços explicativos para a dificuldade de que seus tipos sejam percebidos para além da violência física. (CAMPOS; ALMEIDA, 2017). Isso acontece devido à construção social de valores e comportamentos patriarcais que naturalizam as violências de gênero, e que mesmo de maneira constante, é marcada pela banalização, invisibilidade e aceitação cultural (SCHRAIBER *et al.*, 2009).

Enfatiza-se que tais construções, ao se fundamentarem em práticas sociais balizadas pela socialização de informações, possibilitam também desvelar e investigar desinformações de



gênero, por vezes "camufladas" em violências exercidas contra as mulheres.

Para podermos averiguar as práticas informacionais dos perfis no Instagram que possivelmente expõem desinformações de gênero, é essencial contextualizar o assunto que será abordado no item a seguir.

3 PRÁTICAS INFORMACIONAIS

No campo de estudo de usuários, na década de 1990, uma ampliação de aspectos das abordagens anteriores foi se desenvolvendo: os estudos das práticas informacionais, ou seja, "[...] o estudo do movimento por meio do qual os indivíduos agem no mundo, conformados pela cultura, e ao mesmo tempo constituem essa cultura que os influencia e a realidade em que atuam." (ARAÚJO, 2017, p. 21).

Em seu princípio, essa abordagem concentrava-se em estudos de usuários na vida cotidiana, ao contrário da vertente tradicional e alternativa. Subsequentemente, sua constituição transformou-se numa perspectiva que abarcava todas as categorias informacionais da vivência dos indivíduos.

Uma importante contribuição dessa vertente é a compreensão de que não existe uma realidade externa independente dos sujeitos e seus atos, pois são os indivíduos, a partir de seus próprios atos que geram e renovam as regras e normas sociais. Além disso, estes estudos progrediram quanto ao entendimento da informação não como um processo vivenciado exclusivamente na perspectiva individual cognitiva, mas sim a partir de uma concepção informacional que englobe também processos de apropriação, imaginação e questionamentos concebidos a partir da construção social (ARAÚJO, 2017).

Isto é, conforme estas disposições, entende-se que a manutenção do *status quo* que abriga as práticas informacionais se dá através dos sujeitos e suas ações de informação dentro de uma comunidade ou meio social. Desta maneira, podemos refletir também em um sujeito do "conhecimento", conforme suas práticas sociais, "[...] entendido como aquele que interage com outros sujeitos na construção da informação." (FREIRE; AQUINO, 2000, p.



76). Este indivíduo do “conhecimento” é encarregado da recepção, transmissão, usabilidade, comunicação, geração, acessibilidade e socialização da informação. Enfim, todo o processo de cidadania que pode se fazer através do uso e acesso à informação (ARAÚJO, 2001).

Portanto, optou-se por desempenhar o presente estudo através de práticas informacionais pois elas se constituem em ações de informação fundamentadas na produção, uso, compartilhamento e reuso de conteúdos influenciados pelas interações sociais; interações essas que se mostram presentes na web, e substancialmente no Instagram.

Percebendo ações de informação executadas com eixos plurais e com diferentes intencionalidades, é possível observar estratégias de comunicação características da plataforma Instagram que se referem à adoção de “[...] uma linguagem informal, com textos, imagens e vídeos, visando uma fácil viralização, tendo por base uma ideia de comunicação humanizada.” (CARVALHO et al., 2020, p. 3).

Os perfis no Instagram escolhidos para a análise trazem uma diversidade de práticas informacionais que buscam rearticular as relações de poder referentes ao gênero feminino. Nesse sentido, eles passam a se constituir como manifestações que oportunizam a integração entre diferentes atores sociais, possibilitando através de um conteúdo que rompe barreiras morais e estereótipos de gênero, maneiras de se combater e evitar as desinformações de gênero, percebidas através das violências contra as mulheres.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pesquisa aplicada, exploratório-descritiva, de abordagem qualitativa que analisa 04 (quatro) perfis do Instagram que trazem questões relativas às ações e práticas informacionais sobre feminismo e empoderamento feminino buscando dialogar com as desinformações de gênero presentes em nossa sociedade. Os perfis foram selecionados conforme as inclinações da pesquisa e atenderam aos seguintes critérios: número de seguidores - acima de 90 mil; regularidade de postagens (perfil ativo); temática geral - feminismo. Os referidos perfis estão apresentados no Quadro 1.



Quadro 1 - Perfis feministas no Instagram.

PERFIL	COMPOSIÇÃO	TOTAL DE POSTAGENS AVERIGUADAS	Nº DE SEGUIDORES ATÉ ABRIL DE 2022
Think Olga ⁷⁷	Categoria informada no perfil: não informada. Descrição informada no perfil: laboratório de inovação social que educa e cria soluções para a desigualdade de gênero. Combate à Violência, Economia do Cuidado.	6	91,7 mil seguidores
Arquivos feministas ⁷⁸	Categoria informada no perfil: comunidade. Descrição informada no perfil: plataforma de informação e formação feminista.	16	274 mil seguidores
Clara Fagundes ⁷⁹	Categoria informada no perfil: criadora de conteúdo digital. Descrição informada no perfil: sergipana em SP, pesquisadora, futurologista e comunicóloga. Formada e pós-graduada na USP. - Feminismo	8	147 mil seguidores
Planeta Ella ⁸⁰	Categoria informada no perfil: comunidade. Descrição informada no perfil: rede Internacional de Feminismos.	30	269 mil seguidores

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

⁷⁷ <https://www.instagram.com/think.olga/>

⁷⁸ <https://www.instagram.com/arquivosfeministas/>

⁷⁹ <https://www.instagram.com/clarafagundes/>

⁸⁰ <https://www.instagram.com/planetaella/>



Os 04 (quatro) perfis analisados trazem autodescrições relativas aos seus propósitos, em que apenas 03 (três) perfis apresentam em suas páginas informações sobre categorias pré-estabelecidas pela própria plataforma Instagram. Com o intuito de verificar apenas publicações, o montante de postagens analisadas deu-se conforme o número de publicações de cada perfil durante o mês de abril de 2022, totalizando 60 (sessenta) postagens entre os 04 (quatro) perfis.

Após a coleta dos dados, identificou-se que das 60 (sessenta) postagens, 29 (vinte e nove) não são conteúdos próprios criados pelas proprietárias dos perfis, mas sim conteúdos repostados de outros perfis. Porém, devido serem assuntos pertinentes e com fontes comprovadas, decidiu-se por manter essas postagens nas análises. As postagens agrupadas para análise constituem-se em publicações com imagens, fotos, desenhos em quadrinhos, problematizações, ilustrações, relatos, notícias e vídeos curtos. Todas com legendas que trazem textos informativos relativos ao assunto da postagem.

5 ANÁLISE E DESDOBRAMENTO DOS DADOS

Posteriormente o processo se constituiu com a observação espontânea dos perfis e a partir da leitura flutuante das postagens (nos *feeds* de notícias) foi realizada a coleta sistemática (SILVA, 2013) do *corpus* durante o mês de abril de 2022, através da inserção dos dados juntamente com *prints* das postagens em uma planilha no Google Drive e um diário de campo.

Depois, realizou-se releituras do material, permitindo a composição de 09 (nove) tópicos emergidos conforme a Análise de Conteúdo de Bardin (2011) relativos ao *corpus* total de 60 (sessenta) postagens, sendo eles: violência contra a mulher; empoderamento feminino; representatividade do gênero feminino; mulheres indígenas; gordofobia; diversidade sexual; liberdade feminina; misoginia; machismo.

Perante esses tópicos abordados, identificou-se inicialmente que a maioria das postagens expõem algum tipo de violência contra mulheres, assim identificadas: violência política contra mulheres, violência obstétrica, abuso sexual, feminicídio, violência contra



mulheres indígenas, violência judicial contra mulheres e violência doméstica. Algumas dessas violências, como a judicial, política e contra mulheres indígenas, conforme o conteúdo apresentado nas postagens, têm suas raízes em desinformações quanto ao gênero feminino, pois abordam relatos de violências baseadas em estereótipos, difamação e deturpação de elementos.

Constatou-se também que os conteúdos informativos abordados nos perfis escolhidos, apesar de não sinalizarem explicitamente desinformações de gênero, atuam de maneira preventiva e influente na contribuição ao combate à desinformação quanto ao gênero feminino, pois expõem testemunhos e trazem notícias com fontes fidedignas sobre essa temática tão preocupante e urgente enraizada através de percepções morais em nossa sociedade.

5.1 Ampliação do estudo

Com base nas descobertas preliminares, constatou-se a necessidade de expandir o estudo em direção às práticas informacionais como ações de informação (GÓMEZ, 1999), a partir das concepções de produção, compartilhamento e reuso dos *posts* no *feed*.

Para tal, em virtude da expressiva quantidade de práticas informacionais no perfil Planeta Ella, que se distingue por não apresentar conteúdos com anúncios ou parcerias pagas e por oferecer mais de uma publicação diária, ao contrário dos outros perfis que apresentaram menos postagens do que o esperado, optou-se por ser este o perfil a realizar a segunda etapa da pesquisa.

A "produção" da informação está relacionada ao processo de elaboração e geração de informações ou dados. O "compartilhamento" da informação implica em disponibilizar e facilitar o acesso às informações para outras pessoas. Já o "reuso" da informação é relativo à utilização de informações já existentes para propósitos distintos dos quais foram inicialmente geradas. Isso envolve a aplicação de dados ou conhecimentos pré-existentes em novos contextos, análises ou estudos, permitindo a reutilização de informações ou conhecimentos anteriormente produzidos.



O reuso da informação contribui para a expansão do conhecimento, a criação de novas perspectivas e o estímulo à pesquisa interdisciplinar. O princípio do reuso é amplamente empregado no âmbito da investigação científica, onde dados e outros recursos são examinados por diferentes perspectivas, analisados em contextos e disciplinas distintas daquelas em que foram inicialmente gerados. (SAYÃO, 2016). Durante esta fase, ao examinar a literatura (Quadro 2), o objetivo foi de explorar a dimensão da intencionalidade, assim como o arranjo das 30 postagens coletadas no perfil.

Quadro 2 - Categoria/subcategoria fundamentada na literatura.

CATEGORIA/DESCRIÇÃO	SUBCATEGORIA/DESCRIÇÃO
<p>AÇÕES DE INFORMAÇÃO - PRÁTICAS INFORMACIONAIS: processos que possuem o propósito de informar algo. (GÓMEZ, 1999, ARAÚJO, 2017).</p>	<p>Compartilhamento e reuso da informação: repostagem de conteúdo produzido por outras pessoas no próprio Instagram ou em outras plataformas, seguido ou não pela adição de informações para reforçar a validação da informação ou atribuir-lhe um novo significado.</p> <p>Produção de informação: criação própria do conteúdo pelo perfil Planeta Ella.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Para tanto, verificou-se a incidência de ações de informações manifestadas em produção, compartilhamento e reuso dos *posts* no *feed* (Quadro 3). Observou-se que todos os *posts* que compartilharam um determinado conteúdo também reutilizaram o material, acrescentado informações mesmo que apenas na legenda. Portanto, levando em conta que a legenda foi incluída na análise, apesar das diferenças entre compartilhamento e reuso, essas duas subcategorias foram agrupadas devido a questões operacionais.



Quadro 3 - Ações de informação - práticas informacionais conforme incidência (número de ocorrências).

PRODUÇÃO DA INFORMAÇÃO	COMPARTILHAMENTO E REUSO DA INFORMAÇÃO
21 (70%)	9 (30%)
Variantes do conteúdo: notícias, celebrações, denúncias, reivindicações, história em quadrinhos, relatos, representações humorísticas, reflexões, charge, poesia, sátira.	Variantes do conteúdo: notícias, relatos, reportagem, ensinamentos, divulgação, ensaio fotográfico, cobertura de evento.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Evidenciou-se que o perfil apresenta uma frequência maior de compartilhamento e reuso de informações em comparação com a produção de conteúdo original. Essa abordagem pode ser atribuída a diversos motivos, incluindo a intenção de fornecer valor aos seguidores, selecionando criteriosamente postagens de outras fontes que são consideradas relevantes, interessantes e informativas. Nesse contexto, o perfil desempenha também um papel de curador de conteúdo, “ferramenta que aumenta drasticamente os níveis de eficiência e assertividade da navegação” (GORDON, 2014, p. 152), com o objetivo de disponibilizar uma diversidade de informações e perspectivas aos seus seguidores.

Desta forma, a partir de releituras dos dados, percebeu-se que os *posts* oferecem uma ampla gama de conteúdos que trazem visibilidade e estimulam o envolvimento em questões feministas, contribuindo para aumentar a conscientização, promover o diálogo e fomentar a reflexão crítica entre suas seguidoras. O perfil informa, educa e inspira mulheres, embora também conte com seguidores de outros gêneros e/ou características. Além disso, por meio das postagens, cria-se um ambiente de solidariedade, construindo uma rede de apoio e encorajamento para as mulheres enfrentarem os desafios e opressões impostas pela sociedade.

Esse perfil em específico, assim como os outros analisados na primeira fase, não tem como objetivo principal combater a



desinformação de gênero como mencionado anteriormente, porém oferecem oportunidades de letramentos que têm impacto na capacidade dos indivíduos de reconhecer e resistir a discursos falsos, enganosos e prejudiciais. Ademais, podem capacitar as mulheres a se tornarem agentes ativas na busca pela igualdade de gênero, na desconstrução de estereótipos e na defesa de seus direitos. Isso inclui exigir políticas públicas que promovam a equidade de gênero e desafiar as estruturas de poder opressivas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do referencial teórico, constatou-se até o momento que o termo desinformação de gênero advindo da desinformação, quando exercido sobre o gênero feminino, constitui-se também como um tipo de violência contra as mulheres, trazendo distintas possibilidades interpretativas quanto a sua gênese e seus fins.

Observou-se também, por meio da AC, o quanto esses perfis do Instagram que abordam seus conteúdos de maneira dinâmica e séria, se fazem necessários e potentes ao combate a esse tipo específico de desinformação, por vezes sutil, porém não menos prejudicial para o avanço da equidade de gênero que carecemos em nossa sociedade.

Além disso, partindo da premissa que a desinformação de gênero é extremamente nociva para a sociedade, uma vez que perpetua as relações desiguais de poder, reforçando a marginalização da mulher como segundo sexo, é de extrema importância buscar meios que possam efetivamente combater essa problemática.

Em virtude dessas constatações, sugerimos estudos que possam contribuir acerca de discussões sobre o tema no âmbito da Ciência da Informação, preferivelmente no que se refere à letramento de gênero, feminismos, regimes de ética da informação, assim como os limítrofes da moralidade e estrutura social.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, C. Fake news is not a virus: On platforms and their effects. *Communication Theory*, [s. l.], v. 3, n.1, p. 42-61, 2020.



ANDERSEN, J.; SØE, S. Communicative actions we live by: The problem with fact-checking, tagging or flagging fake news: The case of Facebook. **European Journal of Communication**, [s. l.], v. 35, n.2, p. 126-139, 2019.

ARAÚJO, E. A. Informação, sociedade e cidadania: práticas informacionais de organizações não governamentais - ONGs brasileiras. **Informação e Informação**, Londrina, v. 6, n. 1, p. 31- 54, jan./jun. 2001.

ARAÚJO, C. A. V. Uma história intelectual da ciência da informação em três tempos. **RACIn - Revista Analisando em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 10-29, jul./dez. 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Política nacional de enfrentamento à violência contra as mulheres**. Brasília: Presidência da República/SPM, 2011.

BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: ANCIB, 2018.

BROWN, E. Propaganda, misinformation, and the epistemic value of democracy. **A Journal of Politics and Society**, [s. l.], v. 30, n. 3-4, p. 194-218, 2019.

BUTLER, J. **Gender trouble: Feminism and subversion of identity**. London: Routledge, 1990.

BUTLER, J. Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In*: LOURO, G. L. (Org.) **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CABAÑES, J. Digital disinformation and the imaginative dimension of communication. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, [s. l.], v. 97, n. 2, p. 435-452, 2020.

CAMPOS, M. L.; ALMEIDA, G. H. M. D. Violência contra a mulher: uma relação entre dimensões subjetivas e a produção de informação. **Rdbci: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [s. l.], v. 15, n. 2, 2017.

CARVALHO, M. **Brasil sobe em ranking de igualdade de gênero, mas ainda ocupa a 92ª posição**. Estadão. 2019.

CARVALHO, L. M.; ARAUJO, G. M. de; WELZEL, V. M.; SILVA, L. H. da. Comunicação humanizada nas mídias sociais digitais das organizações



jornalísticas: estratégias de combate à desinformação. *In: ENCONTRO VIRTUAL DA ABCIBER*, 2020. **Anais[...]**. São Paulo: ABCiber, 2020.

CURZI, Y. Disinformation (Gendered). *In: BELLI, L.; ZINGALES, N.; CURZI, Y. Glossary of platform law and policy terms*. Rio de Janeiro: FGV, 2021.

FREIRE, B. M. J.; AQUINO, M. A. Ciência da Informação: buscando abrigo para um sujeito. **Transinformação**, Campinas, v. 12, n. 2, p. 71-79, jul./dez. 2000.

GÓMEZ, M. N. G. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 7-30, jul./dez. 1999.

GORDON, L. Paralelos entre a Curadoria de Conteúdo em Redes Sociais e a Gestão do Conhecimento. **Human Factors in Design**, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 147-157, 2014.

JUDSON, E.; ATAY, A.; KRASODOMSKI-JONES, A.; LASKO-SKINNER, R.; SMITH, J. **Engendering hate: the contours of state-aligned gendered disinformation online**. London: Demos, 2020.

KARLOVA, N. A.; FISHER, K. E. A social diffusion model of misinformation and disinformation for understanding human information behaviour. **Information Research**, [s. l.], v. 18, n. 1, 2013.

LARA, M. L. L. G. Informação, informatividade e linguística documentária: alguns paralelos com as reflexões de Hjørland e Capurro. **DataGramZero**, [s. l.], v. 9, n. 6, 2008.

LELO, T. V.; CAMINHAS, L. R. P. Desinformações sobre gênero e sexualidade e as disputas pelos limites da moralidade. **MATRIZES**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 179-203, 2021.

MARRES, N. Why we can't have our facts back. **Engaging Science, Technology, and Society**, [s. l.], v. 4, p. 423-443, 2018.

MCKAY, S.; TENOVE, C. Disinformation as a threat to deliberative democracy. **Political Research Quarterly**, [s. l.], v. 74, n. 3, p. 703-717, 2020.

MEYER, M. Fake news, conspiracy, and intellectual vice. **Social Epistemology Review and Reply Collective**, [s. l.], v. 8, n.10, p. 9-19, 2019.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

SAYÃO, L. F. Digitalização de acervos culturais, reuso, curadoria e preservação. *In: SEMINÁRIO SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO E MUSEUS*, 4., São Paulo, 2016. **Anais [...]**, São Paulo, 2016.



SCHRAIBER, L. B. *et al.* Violência de gênero no campo da Saúde Coletiva: conquistas e desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s. l.], v. 14, n.4, p. 1019-1027, 2009.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA, M. A. da. A técnica da observação nas ciências humanas. **Educativa – Revista de Educação**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 413-423, jul./dez. 2013.

STAHL, B. C. On the difference or equality of information, misinformation, and disinformation: a critical research perspective. **Informing Science**, [s. l.], v. 9, p. 83- 96, 2006.

